

# Ensino e pesquisa em arquivologia: cenários prospectivos



**Renato Pinto Venâncio  
Welder Antônio Silva  
Adalson Nascimento  
(organizadores)**



**V Reunião Brasileira de Ensino e  
Pesquisa em Arquivologia**

**Ensino e pesquisa em arquivologia:  
cenários prospectivos**

Renato Pinto Venâncio  
Welder Antônio Silva  
Adalson Nascimento

(organizadores)

## **FÓRUM NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA**

Coordenadores

Biênio 2016-2017: Welder Antônio Silva (UFMG)

Biênio 2018-2019: Thiago Henrique Bragato Barros (UFPA)

## **V REUNIÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA**

Evento realizado na Escola de Ciência da Informação da UFMG em Belo Horizonte, Minas Gerais, de 07 a 10 de novembro de 2017

### **COMISSÃO ORGANIZADORA – UFMG**

Coordenador: Welder Antônio Silva

Subcoordenadora: Cintia Aparecida Chagas Arreguy

Alessandro Ferreira Costa

Ivana Denise Parrela

José Francisco Guelfi Campos

Marta Eloísa Melgaço Neves

### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Presidente: Renato Pinto Venâncio (UFMG)

Vice-presidente: Adalson de Oliveira Nascimento (UFMG)

Ana Célia Rodrigues (UFF)

Daniel Flores (UFSM)

Eliezer Pires da Silva (UNIRIO)

Georgete Medleg Rodrigues (UnB)

Heloísa Liberalli Bellotto (USP)

José Maria Jardim (UNIRIO)

Lúcia Maria Velloso de Oliveira (FCRB)

Maria Celina Soares de Mello e Silva (MAST)

Renato Tarciso Barbosa de Sousa (UnB)

### **COMISSÃO AVALIADORA**

Diretor: Renato Pinto Venâncio (UFMG)

Adalson de Oliveira Nascimento (UFMG)

Ana Célia Rodrigues (UFF)

Andre Malverdes (UFES)

Anna Carla Almeida Mariz (UNIRIO)

Cintia Aparecida Chagas Arreguy (UFMG)

Clarissa Moreira dos Santos Schmidt (UFF)

Cynthia Roncaglio (UnB)

Daniel Flores (UFSM)

Eliane Braga de Oliveira (UnB)

Eliezer Pires da Silva (UNIRIO)

Georgete Medleg Rodrigues (UnB)

Glaucia Vieira Ramos Konrad (UFSM)

Heloísa Liberalli Bellotto (USP)  
Ivana Denise Parrela (UFMG)  
João Marcus Figueiredo Assis (UNIRIO)  
José Maria Jardim (UNIRIO)  
Julianne Teixeira e Silva (UFPB)  
Katia Isabelli de Bethania Barros e Melo (UnB)  
Lúcia Maria Velloso de Oliveira (FCRB)  
Luciana Quillet Heymann (CPDOC/FGV)  
Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano (UNESP)  
Maria Celina Soares de Mello e Silva (MAST)  
Maria Teresa Navarro de Britto Matos (UFBA)  
Moisés Rockembach (UFRGS)  
Natália Bolfarini Tognoli (UNESP)  
Renato Tarciso Barbosa de Sousa (UnB)  
Roberto Lopes dos Santos Junior (UFPA)  
Thiago Henrique Bragato Barros (UFPA)  
Ursula Blattmann (UFSC)  
Welder Antônio Silva (UFMG)

**COMISSÃO DE APOIO – TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO DA UFMG**

Amanda dos Santos da Paixão  
Cláudia Márcia  
Christiano B. Santos  
Edgar Gonzaga  
Élida Pieri  
Eliedir Marcelina  
Gilma Pereira  
Guilherme Diniz  
Gustavo Miranda Ferreira  
Nely Ferreira  
Luiz Henrique Loureiro  
Viviany Braga

**MONITORES – ALUNOS/AS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFMG**

Gilmar Rodrigues Barreto  
Gisele Maria Arcanjo  
Graziele Cristina Rodrigues Silva  
Neide Araujo Oliveira Braga  
Suellen Alves de Melo  
Suzana Cristina de Oliveira da Cruz  
Yara Levy martins de Souza Sane

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida  
Vice-reitor: Alessandro Fernandes Moreira

ESCOLA DE CIÊNCIA INFORMAÇÃO  
Diretora: Terezinha de Fátima Carvalho de Souza  
Vice-diretora: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
Coordenadora: Maria Guiomar da Cunha Frota  
Subcoordenador: Fabrício José Nascimento da Silveira

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA  
Coordenadora: Cintia Aparecida Chagas Arreguy  
Subcoordenadora: Mariana Batista do Nascimento

CAPA, DIAGRAMAÇÃO, ARTE E FINALIZAÇÃO DO E-BOOK  
Edinaldo Medina Batista

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-65609-09-8



R444	Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (5. : 2017: Belo Horizonte, MG)  Ensino e pesquisa em arquivologia [recurso eletrônico] : cenários prospectivos / Renato Pinto Venâncio; Welder Antônio Silva; Adalson Nascimento (Organizadores). – Dados eletrônicos. – Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação, 2018. 728 p. : il. E-book.  Inclui referências. Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. ISBN: 978-85-65609-09-8  1. Arquivologia – Congressos. 2. Arquivologia – Ensino. 3. Arquivologia – Pesquisa. I. Venâncio, Renato Pinto. II. Silva, Welder Antônio. III. Nascimento, Adalson.  CDU: 651.5(063)
------	--

Ficha catalográfica: Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG.

#### DIREITO AUTORAL E DE REPRODUÇÃO

Direitos de autor © 2018 para artigos individuais dos autores. São permitidas cópias para fins privados e acadêmicos, desde que citada a fonte e autoria. A republicação deste material requer a permissão dos detentores dos direitos autorais. Os editores deste volume são responsáveis pela publicação e detentores dos direitos autorais.

Escola de Ciência da Informação da UFMG  
Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha  
Belo Horizonte – MG – 31.270-010  
[www.eci.ufmg.br](http://www.eci.ufmg.br)

## SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO..... p.10**

**MOÇÕES..... p.12**

### PLENÁRIAS

**1. A EXPERIÊNCIA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS NA UNIRIO.....p.16**  
*Eliezer Pires da Silva, Mariana Lousada*

**2. CURSOS DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL: RUMO À UMA HARMONIZAÇÃO CURRICULAR POSSÍVEL.....p.29**  
*Welder Antônio Silva, Cintia Aparecida Chagas Arreguy, Leandro Ribeiro Negreiros*

**3. PROSPECÇÃO DOS ARQUIVOS: FUTURO DA ARQUIVOLOGIA.....p.44**  
*Daniel Flores, Graziella Cé*

### COMUNICAÇÕES

#### I - EXPERIÊNCIAS CURRICULARES

**4. RELATOS DE EXPERIÊNCIA EM DISCIPLINAS RELACIONADAS À FUNDAMENTOS, AVALIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO ARQUIVÍSTICAS.....p.63**  
*Evelin Melo Mintegui, Roberta Pinto Medeiros, Thiago Henrique Bragato Barros*

**5. REFORMA CURRICULAR DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFES: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....p.80**  
*Tânia Barbosa Salles Gava, Luciana Itida Ferrari, Margarete Farias de Moraes*

**6. DO ENSINO À PRÁTICA DA CLASSIFICAÇÃO NOS ARQUIVOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....p.100**  
*Fernanda da Costa Monteiro, Fernanda de Souza Antunes*

**7. A DESCRIÇÃO NOS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA DO BRASIL: ASPECTOS TEÓRICOS, CONCEITUAIS E TERMINOLÓGICOS DE UMA FUNÇÃO ARQUIVÍSTICA.....p.114**

*Natália Bolfarini Tognoli, Laura Maria Rego Piva, Rafael Cacciolari Dalessandro*

## **II - GESTÃO DOCUMENTAL E ACESSO À INFORMAÇÃO**

**8. ROTEIRO DE APLICAÇÃO DA GESTÃO POR PROCESSOS NA GESTÃO DE DOCUMENTOS.....p.133**

*Fábio Barros Silva, Antônio Rodrigues Andrade*

**9. METODOLOGIA DA IDENTIFICAÇÃO APLICADA A CONSTRUÇÃO DE PLANO DE CLASSIFICAÇÃO PARA ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS.....p.152**

*Silvia Lhamas de Mello, Ana Célia Rodrigues*

**10. MANUAL DE IDENTIFICAÇÃO DE ATRIBUIÇÕES DE ÓRGÃO PRODUTOR: PARÂMETROS PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ATRIBUIÇÕES DO ÓRGÃO PRODUTOR VISANDO A ELABORAÇÃO DE PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS.....p.171**

*Mariana Batista do Nascimento*

**11. GESTÃO DE DOCUMENTOS NO ÂMBITO DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL.....p.188**

*Eduardo Luiz dos Santos, Ana Celeste Indolfo*

**12. A GESTÃO DE DOCUMENTOS NA SOCIOEDUCAÇÃO: O CASO DO NOVO DEGASE.....p.208**

*Jean Maciel Xavier, Eliezer Pires da Silva, Mariana Lousada*

**13. A ORGANIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS NO CONTEXTO DOS SERVIÇOS ASSISTENCIAIS E ADMINISTRATIVOS EXISTENTES EM ORGANISMOS PRODUTORES DE SERVIÇOS DE SAÚDE.....p.229**

*Gillian Leandro de Queiroga Lima, Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral, Hernane Borges de Barros Pereira, Francisco José Aragão Pedroza Cunha*

**14. A APLICABILIDADE DA METODOLOGIA DA IDENTIFICAÇÃO ARQUIVÍSTICA AOS ARQUIVOS CIENTÍFICOS DO NÚCLEO DE PESQUISA GECEM/UFRJ...p.244**  
*Jacilene Alves Brejo, Junia G.C. Guimarães e Silva*

**15. OPACIDADE E TRANSPARÊNCIA INFORMACIONAL: A VIGILÂNCIA COMO FERRAMENTA DE CONTROLE E ACESSO A DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS.....p.258**  
*Thayron Rodrigues Rangel, Rodolpho Guimarães Pereira, Brenda Couto de Brito Rocco*

### **III - LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS**

**16. POR UM MODELO SOCIETAL NA GESTÃO DAS POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS.....p.276**  
*Gleice Carlos Nogueira Rodrigues, Paulo Roberto Elian dos Santos*

**17. PROPOSTA PARA A POLÍTICA E O SISTEMA DE ARQUIVOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE.....p.293**  
*Igor José Garcez, José Maria Jardim*

**18. OS ARQUIVOS NOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO: ESTUDO DE IDENTIFICAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS ARQUIVÍSTICAS PARA O ACESSO À INFORMAÇÃO.....p.314**  
*Ana Celia Rodrigues*

**19. O CONCEITO DE ARQUIVO E DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO EM ESTUDOS DE LEGISLAÇÃO ARQUIVÍSTICA.....p.326**  
*Margareth da Silva*

### **IV - PATRIMÔNIO DOCUMENTAL E AÇÃO EDUCATIVA**

**20. O DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO COMO PATRIMÔNIO EM CENTROS DE MEMÓRIA DO PODER JUDICIÁRIO FEDERAL BRASILEIRO.....p.346**  
*Rodrigo Costa Japiassu, Vitor Manoel Marques da Fonseca, Lídia Silva de Freitas*

**21. IMPACTOS DO ATOM NA DESCRIÇÃO E NO ACESSO AOS ACERVOS ARQUIVÍSTICOS DA CASA DE OSWALDO CRUZ.....p.363**  
*Cleber Belmiro dos Santos, Eliezer Pires da Silva*

**22. ENTRE AS OBRAS E OS DOCUMENTOS: INTERSEÇÕES ENTRE OS SABERES ARQUIVÍSTICO E MUSEOLÓGICO NO TRATAMENTO DO ACERVO DO ARTISTA PLÁSTICO RUBENS GERCHMAN.....p.382**  
*Thayane Vicente Vam de Berg*

**23. UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA REALIZADA NO PROJETO DE EXTENSÃO “CAFÉ COM ARQUIVO: O DOCUMENTO EM DEBATE.....p.397**  
*Fernanda da Costa Monteiro, Daniele Chaves Amado*

## **V - HISTÓRIA DOS ARQUIVOS E DA ARQUIVOLOGIA**

**24. HISTÓRIA DOS ARQUIVOS E DA ARQUIVOLOGIA NO BRASIL: NOTAS SOBRE O ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA.....p.410**  
*Maria Teresa Navarro de Britto Matos, Rita de Cássia Santana de Carvalho Rosado*

**25. ARQUIVOS E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: A TEMÁTICA ARQUIVÍSTICA NA REVISTA DO SERVIÇO PÚBLICO, 1938-1945.....p.430**  
*Vitor Manoel Marques da Fonseca, Darlene Alves Bezerra*

## **VI - PERFIL E ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

**26. UM ESTUDO SOBRE O PERFIL DOS ARQUIVISTAS NA FORÇA AÉREA BRASILEIRA: UM PANORAMA ENTRE OS ANOS DE 2007 E 2015.....p.451**  
*Raquel Fernandes Tavares, Priscila Ribeiro Gomes*

**27. PERFIL E AUTO-IMAGEM PROFISSIONAL DOS ARQUIVISTAS DO RIO DE JANEIRO.....p.471**  
*Wagner Ramos Ridolphi, Luiz Cleber Gak*

**28. A PESQUISA EM ARQUIVOS E ARQUIVOLOGIA NO BRASIL: ANÁLISE DOS GRUPOS DE PESQUISA CERTIFICADOS PELO CNPq.....p.489**

*Angélica Alves da Cunha Marques, Cynthia Roncaglio, Natália Bolfarini Tognoli, Thiago Henrique Bragato Barros*

## **VII - INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS ARQUIVÍSTICOS**

**29. REFLETINDO SOBRE AS INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS E A COMPLEXIDADE.....p.507**

*Brenda Couto de Brito Rocco, Bianca Couto de Brito*

**30. SERVIÇOS TERCEIRIZADOS DE GUARDA EXTERNA DE DOCUMENTOS PROSPECTADOS NA PETROBRAS.....p.523**

*José Antonio Pereira Do Nascimento, Ana Celeste Indolfo*

**31. GOVERNANÇA DE SERVIÇOS ARQUIVÍSTICOS: POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES EM ORGANIZAÇÕES DE CARÁTER PRIVADO.....p.542**

*Alexandre de Souza Costa*

**32. CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DE INTEGRAR A PRESERVAÇÃO E A GESTÃO DE DOCUMENTOS NO COMANDO DA AERONÁUTICA.....p.556**

*Karina Veras Praxedes*

## **VIII - TIPOLOGIA DOCUMENTAL**

**33. DOCUMENTAÇÃO EM SAÚDE: EXPERIÊNCIA NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO POLYDORO ERNANI DE SÃO THIAGO.....p.576**

*Isabella Christina Gondim, Eliana Maria dos Santos Bahia*

**34. CARTA DE AMOR COMO PONTO DE ACESSO: RESULTADOS DE PESQUISA.....p.596**

*Camila Mattos da Costa, Lucia Maria Velloso de Oliveira*

**35. A TIPOLOGIA DOCUMENTAL DOS ÓRGÃOS DE REPRESSÃO NA DITADURA CIVIL MILITAR NOS ANOS 1970.....p.614**

*Rosale de Mattos Souza*

**36. APONTAMENTOS ACERCA DO DOCUMENTO TÉCNICO DE ENGENHARIA NO CAMPO TEÓRICO DOS ARQUIVOS.....p.633**

*Marilda Martins Coelho, Clarissa Moreira dos Santos Schmidt*

## **IX - ARQUIVOS, UNIVERSIDADES E MUSEUS**

**37. DOCUMENTOS DE ARQUIVO PRODUZIDOS PELAS ATIVIDADES DE PESQUISA: UMA ANÁLISE DOS CADERNOS DE LABORATÓRIO.....p.652**

*Paulo Roberto Elian dos Santos, Renata Silva Borges, Francisco dos Santos Lourenço*

**38. ARQUIVOS EM MUSEUS E ARQUIVOS DE MUSEUS: DOIS CONCEITOS PARA OS ARQUIVOS NOS MUSEUS.....p.671**

*Fabiana Costa Dias, João Marcus Figueiredo Assis*

**39. ARQUIVOS DE MUSEUS: UM PROGRAMA DE GESTÃO DE DOCUMENTOS PARA O MUSEU DO ÍNDIO.....p.690**

*Thais Tavares Martins, Ana Celeste Indolfo*

**40. ARQUIVOS DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR: MANUTENÇÃO, GUARDA E ACESSO.....p.709**

*Zenóbio Santos Júnior, Luiz Cláudio Gomes Maia, Ana Maria Pereira Cardoso*

27

## PERFIL E AUTO-IMAGEM PROFISSIONAL DOS ARQUIVISTAS DO RIO DE JANEIRO

*Wagner Ramos Ridolphi**Luiz Cleber Gak*

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de pesquisa de mestrado e oferece uma reflexão sobre aspectos que envolvem a profissão de arquivista. Busca propiciar uma contribuição para a área arquivística nesta temática pouco explorada e apresenta uma visão dos próprios profissionais sobre fatores que determinam o desenvolvimento da carreira.

Além da percepção empírica sobre problemas vivenciados pelos profissionais da área, a pesquisa teve como ponto de partida a compreensão de que a profissão vivencia um momento de reinterpretação do pensamento arquivístico, o que exige dos arquivistas um repensar sobre seu arsenal teórico e suas práticas de trabalho, com o objetivo de estarem aptos a lidarem com um cenário profissional globalizado e cibernético.

A necessidade do arquivista se adaptar à um cenário de transformações em seu ramo de conhecimento e área profissional para atender as evoluções das tecnologias da informação e da comunicação é algo que já vem sendo abordado na literatura arquivística há algumas décadas, como destaca Bellotto (2002, p.47):

A pergunta que muitos teóricos se fazem é: será que a tecnologia da informação e da comunicação desloca o papel dos arquivistas de guardadores de documentos para provedores de informação? É nesta quase constatação que eles/nós estamos redefinindo a profissão. Nos últimos 20 anos, temos todas as “desafiantes possibilidades” das tecnologias da informação, dentro da área de arquivos. Como se traduz essa revolução arquivística?

Nos situamos no que se convencionou denominar “sociedade da informação”, em que a informação é um elemento-chave para a sociedade tanto nas atividades profissionais quanto pessoais. Esse cenário deveria ter proporcionado aos arquivistas um papel de relevância junto à sociedade. Mas não é o que se verifica e

na produção científica ainda é verificada uma adaptação a esse cenário contemporâneo.

É necessário ainda levar em conta que mesmo o arquivista obtendo maior presença na administração e os arquivos sendo reconhecidos como fonte privilegiada de informação, prevalece uma imagem do arquivista associada a estereótipos negativos e que é amplamente difundida e impregnada na sociedade. Costa e Lima (2012), em pesquisa na qual verificaram a representação do arquivista em meios de comunicação de massa – especificamente filmes e programas de televisão nacionais e estrangeiros – identificaram produções que revelam o arquivista por meio de estereótipos marcantes: antissociais, responsáveis por atividades operacionais realizadas em depósitos de papéis e sem formação universitária como requisito para o exercício profissional. Mesmo considerando que cinema e televisão influenciam o grande público, mas não são os únicos elementos formadores de opinião, certamente contribuem para uma visão estereotipada da profissão.

Considerando as questões apresentadas em decorrência das transformações vivenciadas na sociedade da informação e que se refletem também em uma mudança de paradigma na Arquivologia e no perfil do arquivista e a visão estereotipada sobre a profissão na sociedade, a questão que se coloca é: qual a própria imagem dos arquivistas sobre a profissão?

O trabalho, de caráter exploratório, tem como objetivos: identificar características e atribuições relacionadas ao arquivista, delimitando o perfil desse profissional; e analisar a percepção dos arquivistas – especificamente os profissionais que atuam no estado do Rio de Janeiro – enquanto categoria profissional e relação com o mercado profissional.

Em âmbito mundial, há evidências de que a existência da profissão é remota, estando associada ao momento em que surge a escrita, mas o reconhecimento e a regulamentação ocorrem muito posteriormente, sendo difícil precisar um marco que caracterize o surgimento da profissão como tal. No Brasil, o exercício da profissão também antecede em muitos anos seu reconhecimento oficial através de regulamentação, que foi obtida no final dos anos 70, através da Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978<sup>1</sup>, regulamentada pelo Decreto nº 82.590, de 6 de novembro de 1978.

---

<sup>1</sup> Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/L6546.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6546.htm)>.

Assim sendo, para este trabalho é considerado como arquivista o que atende os requisitos legais para o exercício da profissão, ou seja, os diplomados por curso superior de Arquivologia.

## 2 NOVAS VISÕES SOBRE O PERFIL DO ARQUIVISTA

Se passaram séculos para que o desenvolvimento dos conhecimentos sobre os arquivos, baseados na prática, levassem ao surgimento da Arquivologia como disciplina científica. Schmidt (2012, p.103) propõe uma periodização para a trajetória epistemológica da Arquivologia, que seria caracterizada pelas seguintes fases: Arquivologia Clássica, período pré-paradigmático, iniciado na Revolução Francesa (1789) e se estendendo até o pós II Guerra Mundial (década de 1940); Arquivologia Moderna, fase de transição, em que a área tem suas teorias e métodos ampliados (período que compreende até o final da década de 1980) e a Arquivologia Contemporânea, período vivenciado atualmente.

Caracterizada em suas origens pelo pragmatismo, a Arquivologia se baseava nos seguintes princípios:

O objeto da “arquivologia clássica” era identificado pelo conjunto de documentos produzidos ou recebidos por uma dada administração; era o arquivo (*fond d'archive*) custodiado por uma instituição arquivística. Suas principais entidades eram os documentos de arquivo como “artefatos” físicos, e as interações entre essas entidades eram consideradas orgânicas por natureza.[...] Os objetivos e a metodologia poderiam ser descritos como o controle físico e intelectual dos documentos, a partir da aplicação do princípio da proveniência e de seu desdobramento na ordenação dos documentos de acordo com a organização dada no órgão produtor, na perspectiva de contribuir para o controle da administração em geral e da administração pública em particular, para a preservação da memória e para a garantia de fontes históricas (FONSECA, 2005, p.55-56).

No entanto, esses princípios arquivísticos, já defendidos no clássico manual dos arquivistas holandeses, de 1898, e em outros manuais do início do século XX, começaram a deixar de atender as necessidades geradas com o exponencial aumento dos documentos gerados pela moderna administração, principalmente no período após a II Guerra Mundial.

A introdução dos conceitos de gestão dos documentos e da teoria das três idades, preconizando o tratamento documental desde a sua criação, começou a romper com alguns paradigmas da área. Segundo Ribeiro (2002, p.99), o enfoque voltado inicialmente, para os arquivos ditos históricos se estendeu, sobretudo no mundo anglo-saxônico, para as administrações correntes ou como vieram a ser conhecidas, como *records managment*. O surgimento dos documentos eletrônicos, que se disseminaram, principalmente a partir da década de 1980, graças à popularização dos computadores pessoais, constitui outro fato que provocou reflexões no meio arquivístico.

Mesmo em países como o Brasil, que não seguiam a visão anglo-saxônica, de ruptura entre o gerenciamento e controle dos documentos correntes dos documentos permanentes, ocorre um novo enfoque à gestão documental, em razão da produção e uso, cada vez mais frequente, dos documentos eletrônicos na administração.

Para Fonseca (2005, p.57) essas mudanças geraram duas abordagens complementares no campo do conhecimento arquivístico: uma que identifica que ocorre uma mudança de paradigma e outra que identifica sua inserção em uma nova episteme, a pós-modernidade. Com a proposição de uma Arquivologia pós-moderna ou pós-custodial, em contraposição à Arquivologia tradicional ou clássica, Fonseca apresenta, a partir das ideias de Thomassen, uma análise dos elementos do novo paradigma da disciplina arquivística.

O objeto da arquivologia, na perspectiva de um novo paradigma, desloca-se do “arquivo” para a informação arquivística, ou “informação registrada orgânica”, expressão cunhada por arquivistas canadenses para designar a informação gerada pelos processos administrativos e por eles estruturada de forma a permitir uma recuperação em que o contexto organizacional desses processos seja o ponto de partida. Para Thomassen, este é um objeto duplo, uma vez que se refere à informação arquivística (conteúdo semântico do documento) e ao seu contexto gerador, ou seja, o processo de criação dos documentos (conteúdo diplomático do documento). As entidades fundamentais da arquivologia também são duplas: o documento individual e suas relações com os processos administrativos geradores. Seu objetivo além da acessibilidade é: a manutenção da “qualidade arquivística”, ou seja, da clareza, da força e da resistência dos laços entre a informação e o processo administrativo que a gerou. A metodologia consiste no estabelecimento, na manutenção e na análise das relações entre os documentos e seus geradores, de forma a estabelecer, manter e

analisar a autenticidade, a segurança e a fidedignidade desses documentos (FONSECA, 2005, p.59).

Defensor do pensamento pós-moderno, Cook (1998, p.139) combate o pensamento positivista e o empirismo “factual”, que estariam desacreditados e que segundo ele norteavam o pensamento arquivístico, apresentando as novas funções dos arquivistas.

Evoluíram de uma suposta posição de guardiães imparciais de pequenas coleções de documentos herdados da Idade Média, para tornarem-se agentes intervenientes que estabelecem os padrões de arquivamento e deliberam sobre qual pequena fração do universo de informações registradas será selecionada para a preservação arquivística.

Santos (2007, p.188), após elencar as competências requeridas ao profissional de arquivo, apontadas por profissionais especialistas da área da informação e docentes do curso de Arquivologia da Universidade de Brasília (UnB), conclui que “os verbos modificar, melhorar, participar, inovar e recriar representam ações técnicas, porém criativas e pró-ativas que os arquivistas devem assumir”. Ele opõe essas características àquelas que considera como erradas por parte dos arquivistas: serem depositários passivos de conhecimento, para quem as informações recebidas só saem sob demanda, sem iniciativas de difusão e que priorizam a preservação das informações, a ponto dessa prioridade resultar em restrição de acesso.

Apreende-se das abordagens apresentadas que o perfil do arquivista contemporâneo, conforme a literatura arquivística, deve ser proativo, saber utilizar as ferramentas tecnológicas disponíveis, ter competência gerencial e saber refletir sobre o seu fazer arquivístico, para ampliar e produzir o conhecimento específico da área.

### **3 METODOLOGIA**

Após recorrermos à literatura brasileira e internacional para abordar as mudanças no perfil do arquivista abordaremos a metodologia adotada para a pesquisa com arquivistas do estado do Rio de Janeiro, para obtenção da auto-imagem da profissão.

Para a realização da pesquisa foi escolhida a aplicação de um questionário padronizado, um dos principais instrumentos utilizados na aplicação da metodologia *survey*, que como esclarecem Freitas et al. (2000, p.105), é “baseado na obtenção de dados ou informações sobre características, ações, ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, por meio de instrumento de pesquisa”.

Quanto ao propósito, trata-se de uma pesquisa exploratória, pois busca identificar características, atitudes ou opiniões manifestas em uma população, sem necessariamente verificar se a percepção obtida está ou não de acordo com a realidade. Há um corte-transversal dos dados coletados, pois a coleta ocorre em um só momento e a pesquisa pretende descrever e analisar a população-alvo em um determinado momento e não em um intervalo cronológico.

Quanto à amostra, ela deve ser representativa da população ou um modelo dela, embora nenhuma amostra seja perfeita, apenas variando o grau de erro, conforme Fink (1995 *apud* Freitas et al., 2000, p.106). A pesquisa se restringiu aos arquivistas que atuam no estado do Rio de Janeiro porque trata-se de um local que reúne condições únicas em termos de análise da categoria profissional e do mercado profissional existente. Atualmente no país existem 16 cursos de graduação em Arquivologia, sendo que no Rio de Janeiro se localizam dois cursos – na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Universidade Federal Fluminense (UFF) criados ainda no final dos anos 70, portanto formando profissionais há quase quatro décadas.

É ainda o único estado que dispõem de uma pós-graduação *stricto sensu* em Arquivologia (PPGARQ/UNIRIO), favorecendo a continuação dos estudos. No contexto do movimento associativo, foi sede da primeira associação profissional – a Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), de âmbito nacional, fundada em 1971 e encerrada em 2015 –contando atualmente com uma de âmbito regional, a Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ), fundada em 2004.

É importante ressaltar ainda o aspecto econômico – como segunda maior economia do país<sup>2</sup> – e sociopolítico do Rio de Janeiro, que foi capital do Brasil Colônia (1621-1808), do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1815-1822), do Brasil Império (1822-1889) e do Brasil República (até 1960) e como “herança” conta

---

<sup>2</sup> Dados do IBGE disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rj>>.

ainda com um grande número de órgãos e empresas públicas e possivelmente reúne o maior acervo arquivístico do país.

Como estratégia de aplicação do questionário, foi utilizado o envio por correio eletrônico e divulgação na rede social Facebook. Para a formulação do questionário foram considerados os seguintes cuidados, apontados por Freitas et al. (2000, p.107-108): as questões fechadas devem conter alternativas exaustivas, cobrindo todas as respostas possíveis; as questões devem ser redigidas de forma clara e precisa, considerando o nível de informação dos respondentes e devem possibilitar uma única interpretação; as perguntas não devem induzir as respostas; apresentar um cabeçalho que informe de forma resumida o objetivo da pesquisa, a importância das respostas; e deve-se assegurar ao respondente a confidencialidade dos dados e dos resultados, enquanto dados individuais.

Para a formulação das questões, buscou-se um referencial em pesquisa voltado para obtenção de perfil e auto-imagem profissional e de preferência direcionado para arquivistas e/ou profissionais da informação. A melhor referência encontrada foi o relatório do Observatório da Profissão de Informação-Documentação (OPI-D), de Portugal, intitulado *A imagem das competências dos profissionais de informação-documentação*, publicado em 2006. Pinto e Ochôa (2006, p.6) esclarecem que o relatório integrava uma “estratégia para renovar a identidade profissional através da reflexão sobre as práticas profissionais e da investigação sobre as evidências profissionais, obtidas por meio de questionários e depoimentos orais”. As autoras ressaltam também que a pesquisa permitiu que pela primeira vez, os profissionais fossem chamados a intervir nos cenários prospectivos das suas competências e a tomar posição sobre quais as melhores estratégias para mudar o seu reconhecimento e o seu valor social. Para o presente trabalho foi utilizado o questionário *A auto-imagem das competências dos profissionais de Informação-Documentação* (Pinto e Ochôa, 2006, p.213-217), sendo realizadas as devidas modificações nas questões, para se adequar à realidade de formação e atuação profissional dos arquivistas no Brasil.

O questionário foi validado e em seguida partiu-se para sua aplicação, no período de 3 de fevereiro à 4 de março de 2016. Hospedado na plataforma online Google Drive, o questionário foi enviado, por correio eletrônico, para associados da AAERJ enquadrados na categoria arquivista, o que correspondeu a 170 pessoas. Foram fornecidos, pela associação, os endereços dos correios eletrônicos de todos

os associados na categoria arquivista. O questionário também foi divulgado em grupos que reúnem a comunidade arquivística do Rio de Janeiro na rede social Facebook, sendo que no período da pesquisa o maior deles reunia aproximadamente 1.400 membros<sup>3</sup> (incluindo estudantes e profissionais de outros estados e formações, pois o acesso é livre).

Ao fim do período de aplicação, foram obtidos 138 questionários respondidos e os resultados são apresentados a seguir. Para efeito de comparação, em algumas questões serão verificados resultados obtidos em pesquisa similar realizada por Katia Isabelli Melo de Souza, entre novembro de 2008 e abril de 2009, com arquivistas de todo o Brasil (SOUZA, 2011, p.169).

## 4 RESULTADOS

Para efeito de análise, o questionário da pesquisa, com um total de 14 questões, foi estruturado em três blocos, sendo o primeiro relativo ao perfil do universo pesquisado; o segundo abordando a relação com a atividade profissional; e o terceiro, a valoração das competências arquivísticas e cenários prospectivos para a profissão.

### 4.1 Perfil do universo pesquisado

A maioria dos arquivistas, 63%, correspondem ao sexo feminino e 37% ao sexo masculino. Souza (2011, p.171) em pesquisa semelhante, mas abrangendo um universo maior, com arquivistas de todo o Brasil, também obtivera resultado muito semelhante, com 62% dos arquivistas correspondentes ao sexo feminino, indicando uma predominância das mulheres entre as profissionais da área.

Na questão da idade, foi identificada uma concentração na faixa entre 30-39 anos, correspondente a 70 arquivistas, pouco mais da metade dos participantes da

---

<sup>3</sup> Tratam-se dos grupos "Arquivologia UNIRIO", que apresenta a seguinte descrição: "O Grupo foi criado no intuito de termos um espaço para a troca de ideias e experiências, divulgação de oportunidades de trabalho, cursos e eventos. Aproximar os profissionais e estudantes cada vez mais, para ajudar no desenvolvimento e crescimento da Arquivologia no cenário nacional. Alunos, ex-alunos, professores, estudiosos e simpatizantes da nossa área de estudos, sejam todos bem-vindos!", disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/arquivologia.unirio>>; e "Arquivologia UFF", disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/206195342804840>>.

pesquisa (51%). O restante se dividiu nas faixas etárias imediatamente posterior e anterior, entre 40-49 anos, com 29 (21%) e 20-29 anos, com 25 (18%). Apenas 10% se situam nas faixas acima de 50 anos e nenhum dos respondentes possui menos de 20 anos, resultado esperado pois a pesquisa foi direcionada para os profissionais formados.

A UNIRIO prevaleceu como universidade de formação dos arquivistas que participaram da pesquisa, com 67%, mais do que o dobro da UFF (30%). Como a pesquisa incluiu arquivistas residentes no estado do Rio de Janeiro, independentemente do estado de origem, 5 deles (3%) indicaram outra universidade de formação.

Como na faixa etária ocorreu uma concentração de profissionais mais jovens, isso se refletiu no ano de conclusão da graduação dos participantes da pesquisa. Assim, 64 (46%) se graduaram há menos de 10 anos e 62 (45%) se graduaram há menos de 20 anos. Apenas 12 arquivistas (9%) concluíram a graduação há mais de 20 anos.

Com relação à formação continuada, 31% dos arquivistas declararam não ter realizado qualquer pós-graduação. Já expressiva maioria, 69%, possuem alguma pós-graduação, somando 44% que possuem especialização, 18% que possuem mestrado e 7% que possuem doutorado. Cabe destacar, entretanto, que analisando somente os pós-graduados, a maioria (64%) realizou a pós-graduação na modalidade *lato sensu*, enquanto apenas 36% cursaram na modalidade *stricto sensu*. Há que se considerar também que o número elevado de profissionais formados nos últimos 10 anos influencia o percentual de pós-graduados.

## **4.2 Relação com a atividade profissional**

No segundo bloco de questões, são apresentados os resultados das perguntas relacionadas à relação dos arquivistas com sua atividade profissional – ou seja, o ofício arquivístico – e com seu emprego, considerando assim o ambiente organizacional onde exerce sua profissão, no caso daqueles que estão empregados.

A primeira questão apresentada nesse bloco era relativa ao registro profissional junto ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que todos os arquivistas devem realizar para o exercício legal da profissão, conforme legislação. Foi obtido um alto percentual de arquivistas registrados, 83%, entretanto, por se

tratar de um dispositivo obrigatório, o percentual daqueles que não realizaram o registro, correspondente a 17%, pode ser considerado elevado.

Questionados sobre filiação a alguma associação profissional, expressiva maioria dos arquivistas (68%) declarou que não é associado. Apenas 32%, aproximadamente um terço dos que participaram da pesquisa, declararam serem associados, sendo que 28% relativos à AAERJ, atualmente a única associação profissional no estado do Rio de Janeiro após a AAB encerrar suas atividades. Esse número é ainda mais expressivo considerando que a pesquisa foi direcionada inicialmente para os associados da AAERJ, mas dos 170 arquivistas que constavam do cadastro da associação e que receberam por correio eletrônico o questionário, apenas 39 participaram da pesquisa. Além dos associados da AAERJ, como foram considerados na pesquisa os arquivistas residentes no estado do Rio de Janeiro, independentemente do estado de origem, 5 deles (4%) indicaram serem filiados à associações de outros estados.

Na pesquisa de Souza (2011, p.212) obteve-se curiosamente o mesmo percentual de 32% de profissionais associados, em âmbito nacional, demonstrando que o baixo número de arquivistas inseridos no movimento associativo é um fenômeno comum.

Quanto aos anos de atividade profissional, de forma coerente, obteve-se um resultado muito próximo ao relativo sobre o tempo de graduação dos participantes da pesquisa. Assim, 56 (40%) exercem atividades profissionais entre 10 a 19 anos; 38 (28%) exercem entre 5 a 9 anos; 33 (24%) há menos de 5 anos e apenas 11 (8%) exercem há 20 anos ou mais.

A questão seguinte, sobre estratégias de desenvolvimento da atividade profissional, elencava seis opções de ações a serem realizadas pelos arquivistas, de forma concomitante ou não, para o seu próprio desenvolvimento profissional ao longo da carreira. Era solicitado que, para cada opção, atribuíssem um grau de importância, de acordo com sua opinião. Dentre as opções, a aprendizagem adquirida nas experiências profissionais foi considerada por 81% como muito importante, obtendo a preferência dos participantes da pesquisa. Já a mobilidade profissional – disponibilidade para mudar de cidade ou país a trabalho – foi a opção de menor preferência, com 13% a apontando como sem importância.

Na tabela 1 observamos o percentual alcançado pelas opções propostas no grau “muito importante”. Interessante observar o alto valor colocado pelos

profissionais na aprendizagem adquirida nas experiências profissionais, considerada mais importante que a continuação dos estudos acadêmicos, indicando uma valorização do “saber fazer” adquirido pelo profissional em sua atuação no mercado profissional sobre o saber adquirido no ambiente acadêmico. A especialização em algumas competências ou desenvolvimento de saberes disciplinares também foi uma opção considerada relevante, indicando o desejo dos profissionais adquirirem novos saberes ou se aprofundarem em um conhecimento específico, em consonância com o que já foi colocado quando das competências desejáveis para os profissionais da informação. A baixa relevância atribuída ao envolvimento em trabalhos associativos condiz com o baixo número de profissionais associados, pois indica que estes não veem nas associações um meio para crescimento profissional, contribuindo para a carreira e aumentando o relacionamento com outros profissionais da área. A mobilidade profissional se mostrou uma opção pouco atrativa e presume-se que isso se justifica pelo estado do Rio de Janeiro oferecer opções de trabalho na área, pela quantidade de instituições arquivísticas e/ou com serviços arquivísticos, torne pouco atrativa a busca de trabalho em outros estados ou países.

TABELA 1 – Classificação das estratégias de desenvolvimento da atividade profissional no grau “muito importante”

Estratégia	%
1º) Aprendizagem adquirida nas experiências profissionais	81%
2º) Continuação dos estudos acadêmicos	70%
3º) Especialização em algumas competências ou desenvolvimento de saberes disciplinares	66%
4º) Participação ativa em congressos, encontros, etc.	48%
5º) Envolvimento em trabalhos associativos	13%
6º) Mobilidade profissional	10%

Fonte: Elaboração própria.

Questionados se estavam empregados, apenas 9% informaram estarem desempregados (sendo que a taxa de desemprego na região metropolitana do Rio

de Janeiro no período da pesquisa registrava 5,1%<sup>4</sup>). Aqueles que declararam estarem empregados (91%) foram discriminados de acordo com a forma de ocupação, englobando os que exercem a profissão no setor público (55%), no setor privado (23%), na docência (5%) e como autônomos (3%), além de 5% que estão empregados, mas não exercem a profissão.

É nítida a presença da profissão no setor público, pois considerando somente os arquivistas que estão exercendo a profissão – ou seja, excluindo os desempregados e os que estão empregados, mas exercendo outras funções – constatamos que 64% são funcionários públicos.

A profissão teve sua institucionalização vinculada diretamente ao atendimento do poder público, tendo em vista que o curso superior de Arquivologia da UNIRIO teve origem em curso anteriormente ministrado nas dependências do Arquivo Nacional, criado em 1960 e que visava preparar quadros para a instituição.

Sobre a satisfação com o emprego, questão direcionada somente para os 125 arquivistas empregados, o resultado foi positivo. A maioria declarou estar satisfeito, correspondente a 44% e 39% declararam estarem muito satisfeitos. Já 14% declararam estarem pouco satisfeitos e apenas 3% insatisfeitos.

Na questão de satisfação com a atividade profissional, ou seja, com a própria profissão de arquivista, os resultados também foram positivos, ficando próximos dos obtidos em relação à satisfação com o emprego. A maioria, 48% declarou estar satisfeito, 35% muito satisfeito, enquanto 14% pouco satisfeito e apenas 3% insatisfeito.

Todos puderam se manifestar nessa questão, mas analisando somente os que não estão atuando na área, seja por estarem desempregados ou por estarem empregados, mas exercendo outras atividades, verificamos uma insatisfação maior nesse grupo, com 40% declarando estar pouco satisfeito ou insatisfeito.

O Rio de Janeiro é o único estado do país que possui um piso salarial para os arquivistas, estabelecido em lei estadual, atualizada anualmente e que prevê uma remuneração mínima para diversos profissionais. Quando da realização da pesquisa, vigorava para a profissão o piso salarial estadual no valor de R\$ 2.432,72, estabelecido pela Lei nº 6.983/2015 e que foi utilizado como referência para a

---

<sup>4</sup> Dado do IBGE referente à janeiro de 2016, disponível em: < [ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Mensal\\_de\\_Emprego/fasciculo\\_indicadores\\_ibge/2016/pme\\_201601pubCompleta.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadores_ibge/2016/pme_201601pubCompleta.pdf)>.

definição das faixas salariais da questão. Nessa questão foram considerados somente os 125 arquivistas que estavam empregados e obteve-se como resultado que a maioria, 54 arquivistas (43%), se enquadram na faixa salarial compreendida entre o piso e o corresponde a duas vezes esse valor, ou seja, entre R\$ 2.432,72 e R\$ 5.000,00 (para o valor mínimo foi utilizado exatamente o valor que consta na lei e nas faixas seguintes foi “arredondado” para R\$ 2.500,00, para obtenção dos múltiplos do valor). Na faixa salarial imediatamente superior, entre R\$ 5.000,00 e R\$ 7.500,00 se concentra o segundo grupo, com 34 arquivistas (26%). Já 22% recebem o equivalente ou acima de três vezes o valor do piso e apenas 9% declarou ter uma remuneração abaixo do piso salarial.

Analisando a remuneração média, de acordo com a forma de atuação profissional, verifica-se uma grande diferença salarial entre os que atuam no setor público e no setor privado. Apesar de em ambos os grupos a maioria ter como remuneração média entre R\$ 2.432,72 a R\$ 5.000,00, respectivamente 37% e 58%, nas faixas salariais acima e abaixo torna-se clara a distinção. Enquanto entre os que atuam no setor público, 60% recebem a partir de R\$ 5.000,00, no setor privado correspondem a apenas 13%, sendo que entre estes ninguém recebe acima de R\$ 10.000,00, enquanto entre os servidores públicos 13% recebem acima desse valor.

### **4.3 Valoração das competências arquivísticas e cenário prospectivo da profissão**

Na questão sobre as competências arquivísticas, sem desconsiderar as competências desejáveis apontadas na literatura científica, optou-se por elencar somente as 12 atribuições previstas no Art. 2º da Lei nº 6.546/78, que regulamenta a profissão no Brasil. A escolha foi realizada para verificar junto aos próprios arquivistas, entre as atribuições previstas em lei, quais melhor caracterizam as atividades arquivísticas e se alguma é pouco aplicada ou de baixa relevância para a profissão.

A tabela 2 apresenta a classificação das competências conforme o percentual obtido no grau “muito importante”. As consideradas mais importantes pelos arquivistas foram as que atribuem à profissão a direção de serviços de Arquivo e o papel gerencial no processo documental, aspecto mais amplo relativo às atividades arquivísticas. A orientação de atividades práticas associadas ao fazer arquivístico –

como classificação, arranjo, descrição, avaliação e seleção de documentos e preservação – e a gestão de serviços ou instituições com acervos mistos também foram consideradas altamente relevantes. Esses resultados denotam uma preferência dos profissionais por atribuições que são mais facilmente associadas a um papel de comando e gestão.

Na análise dos resultados, não se pode deixar de contextualizar que as atribuições presentes na Lei nº 6.546/78 foram formuladas nos anos 70, não sofrendo quaisquer alterações desde então. Observando as competências que obtiveram percentual inferior a 50% e, portanto, consideradas pelos participantes como de menor relevância para caracterizar a profissão, pode-se inferir que refletem um perfil profissional e um ambiente de trabalho e tecnológico diverso do atual. Duas competências são relacionadas a atividades de assessoramento ou atendimento de demandas de pesquisadores ou outros profissionais e, assim, guardam resquícios de um período em que o arquivista era considerado um auxiliar de historiadores e outros profissionais eruditos e voltado para o atendimento de pesquisas em documentos de valor histórico ou permanente. Já a competência que obteve o menor percentual – com 32%, pouco menos de um terço dos arquivistas – é a que se refere à microfilmagem, procedimento de armazenamento e preservação de informações muito difundido e utilizado na época, mas atualmente amplamente substituído em sua finalidade pelo fenômeno da digitalização de documentos. Cabe ressaltar também que a lei que regulamenta a profissão no Brasil antecede e não contempla aspectos relacionados à disseminação dos documentos nato digitais.

TABELA 2 – Classificação das competências arquivísticas no grau “muito importante”

Competência arquivística	%
1º) Planejamento, organização e direção de serviços de Arquivo	75%
2º) Planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo	73%
3º) Orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos	67%
4º) Planejamento, organização e direção de serviços ou centro de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos	66%
5º) Orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação	65%
6º) Promoção de medidas necessárias à conservação de documentos	63%

7º) Planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias	62%
8º) Orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos	56%
9º) Elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos	54%
10º) Assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa	48%
11º) Desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes	44%
12º) Planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos	32%

Fonte: Elaboração própria.

A última questão buscou explorar aspectos relacionados a um cenário prospectivo, listando algumas ações que poderiam contribuir para o desenvolvimento da profissão e solicitando que os arquivistas atribuísem os respectivos graus de importância para cada uma. Nessa questão foram utilizadas como referência as iniciativas presentes no questionário do OPI-D, mas foram realizadas exclusões e alterações visando contemplar a realidade local, considerando, por exemplo, a ausência de um conselho profissional para os arquivistas no Brasil.

A classificação das ações conforme o percentual obtido no grau “muito importante”, apresentada na tabela 3, demonstra que aquelas que apresentaram maior apoio junto aos arquivistas são relativas à divulgação da profissão e sobre quem pode exercê-la, além da criação do conselho profissional. A promoção dos marcos legais e do piso salarial foi a mais apontada como muito importante, demonstrando que são temas caros aos profissionais e nos quais não se sentem “amparados” quanto ao cumprimento das exigências legais para o exercício da profissão e do piso salarial.

TABELA 3 – Classificação das ações em um cenário prospectivo no grau “muito importante”

Ações	%
1º) Promoção dos marcos legais e piso salarial dos arquivistas	79%
2º) Regulação por um conselho profissional	72%
3º) Visibilidade da profissão nos meios de comunicação de massa	69%
4º) Eficácia associativa na mobilização dos arquivistas	60%
5º) Relacionamentos inter-profissionais	59%
6º) Diagnósticos regulares da profissão	48%
7º) Prêmios de mérito profissional	33%

Fonte: elaboração própria.

A regulação por um conselho profissional é a segunda ação mais apoiada e representa também a necessidade de criação de um órgão que “proteja” a classe da invasão de outros profissionais, pelo poder de fiscalizar o exercício ilegal da profissão. A terceira opção mais apoiada complementa a primeira, ao buscar a divulgação da profissão junto aos meios de comunicação de massa, visando assim um maior reconhecimento na sociedade que impeça a confusão com outros profissionais e destaque assim o papel exclusivo dos arquivistas na realização das atividades própria da profissão.

## 5 CONCLUSÕES

O presente trabalho é resultado da inquietação com questões que envolvem o futuro da profissão de arquivista, considerando sua atuação em um cenário de constantes modificações, inovações tecnológicas, globalização, novas relações de trabalho e demandas informacionais pela sociedade.

Assim, após revisão de literatura, emergiu um perfil de arquivista moldado para o mundo contemporâneo, que além de qualificado para as atividades intrínsecas da profissão, deve ser proativo, saber utilizar as ferramentas tecnológicas disponíveis, ter competência gerencial e saber refletir sobre o seu fazer arquivístico, produzindo e expandindo o conhecimento da área.

No entanto, é necessário levar em conta que mesmo o arquivista exercendo esse perfil contemporâneo e obtendo maior reconhecimento e valorização no mercado profissional, é necessário superar uma imagem da profissão associada a estereótipos negativos e que é amplamente difundida e impregnada na sociedade.

Por fim, a realização da pesquisa com os próprios arquivistas, através de questionários, para obter a percepção destes enquanto categoria profissional e relação com o mercado profissional trouxe dados úteis, complementando e dialogando com o que fora teorizado sobre o perfil profissional. Apesar das dificuldades próprias da aplicação não presencial de um questionário, que costuma ter baixo retorno de respostas, conforme apontado na literatura sobre pesquisas quantitativas, foi alcançado um número representativo da categoria profissional, considerando o prazo de apenas um mês de aplicação e o recorte metodológico adotado.

Este trabalho buscou oferecer uma contribuição aos estudos em Arquivologia sobre a profissão de arquivista no Brasil e apesar de não esgotar todos os questionamentos que envolvem a questão, espera ter fornecido dados que fomentem novas pesquisas sobre o tema, ao revelar o perfil e anseios daqueles que atuam como arquivistas.

## REFERENCIAS

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Os desafios da formação profissional dos modernos arquivistas. **Cenário Arquivístico**, Brasília-DF, v.1, n.1, p.47-52, jan./jun. 2002.

COOK, Terry. Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, p.129-149, 1998.

COSTA, Alessandro Ferreira; LIMA, Eliane Bezerra. A representação do arquivista em obras de ficção: perspectivas do profissional sob o olhar do cinema e da televisão. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p.103-119, jan./jun. 2012.

BRASIL. Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 jul. 1978. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/1970-1979/L6546.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1970-1979/L6546.htm)>. Acesso em: 08 jul. 2017.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

FREITAS, Henrique. et al. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.105-112, jul./set. 2000.

PINTO, Leonor Garpar; OCHÔA, Paula. **A imagem das competências dos profissionais de Informação-Documentação**: relatório. Lisboa: OP I-D, 2006.

RIBEIRO, Fernanda. **Da arquivística técnica a arquivística científica**: a mudança de paradigma. Revista da Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio, Porto, v. 1, p.97-110, 2002.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. A prática arquivística em tempos de gestão do conhecimento. In: SANTOS, V. B. (org.) **Arquivística**: temas contemporâneos. Distrito Federal: SENAC, 2007, p.173-223.

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. Arquivologia e a construção do seu objeto científico: concepções, trajetórias, contextualizações. São Paulo: **Tese** (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-02072013-170328/publico/ClarissaMSSchmidt\\_revisada.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-02072013-170328/publico/ClarissaMSSchmidt_revisada.pdf)>. Acesso em: 08 jul. 2017.

SOUZA, Katia Isabelli Melo de. **Arquivista, visibilidade profissional**: formação, associativismo e mercado de trabalho. Brasília: Thesaurus, 2011.